

OS ESPECTROS DO FEMINICÍDIO EM LYGIA FAGUNDES TELLES**THE SPECTERS OF FEMINICIDE IN LYGIA FAGUNDES TELLES**

Carlos Magno Gomes
Universidade Federal do Sergipe – UFS
calmag@bol.com.br

Resumo: O feminicídio ameaça os direitos da mulher como um fantasma do patriarcado. Por esse olhar, este artigo identifica valores morais do repertório social dessa língua espectral, que funciona como manutenção do poder masculino conforme as abordagens sociais de Lia Zanotta Machado e Wânia Pasinato. Para isso, exploramos os conceitos de espectro e arquivo, propostos por G. Agamben e J. Derrida para defender a tese de que o feminicídio é parte do repertório simbólico da dominação masculina no conto “Venha ver o pôr do sol” (1970), de Lygia Fagundes Telles.

Palavras-chave: repertório de gênero; intertexto cultural; violência contra a mulher.

Abstract: Femicide is a threat to women's rights as a ghost of patriarchy. According to this view, this paper identifies moral values of the social repertoire of this spectral language, which functions as a way of maintaining male power according to the social approaches by Lia Zanotta Machado and Wânia Pasinato. In order to do so, we explore the concepts of spectrum and archiving proposed by G. Agamben and J. Derrida to defend the thesis that femicide is part of the symbolic repertoire of male domination in short-story "Come See the Sunset" (1970), by Lygia Fagundes Telles.

Keywords: gender repertoire; cultural intertext; violence against women.

1. Introdução

No Brasil, os espectros do feminicídio insistem em se manter como parte do imaginário contemporâneo. Esse crime é a forma mais abusiva da violência contra a mulher. O assassinato de mulheres por companheiros é um fenômeno social que está na contramão da modernidade e está associado, principalmente, ao fim de um casamento/relacionamento em que a mulher sofria algum tipo de violência doméstica. Mesmo com a Lei do Feminicídio, de 2015, tal crime continua a se repetir em diversos noticiários, demandando novas reflexões sobre os repertórios simbólicos que normatizam as identidades masculinas e femininas.

Partindo desse questionamento, este artigo apresenta uma revisão dos valores morais que fazem parte do repertório da violência contra a mulher no

conto “Venha ver o pôr do sol”, publicado na coletânea *Antes do baile verde* (1970), de Lygia Fagundes Telles, que nos coloca frente a frente com valores culturais que desnudam o feminicídio como uma forma de punição da mulher fora do padrão angelical¹. Por meio de uma leitura antropológica, traçamos uma linha interpretativa para o feminicídio como uma regulação social do corpo feminino. Para respaldar esta tese, exploramos os conceitos “língua espectral”, proposto por Agamben, e “herança”, de Derrida, na tentativa de identificar os espectros do patriarcado por meio de discursos sociais que normatizam simbolicamente o ritual deste crime.

No conto de Telles, o protagonista, Ricardo arma uma emboscada para a ex-namorada, Raquel, em um cemitério abandonado. A partir do ponto de vista do criminoso, essa narrativa nos expõe regras sociais do repertório da execução feminina. Assim, estamos diante de um criminoso, Ricardo, que não só planeja a vingança como expõe os critérios do julgamento de sua vítima, Raquel. Com tal particularidade, o texto de Telles traz à tona a carga suplementar moral enraizada em uma sociedade conservadora, que pune as mulheres fora do padrão. Descrever essas normas por uma mente criminosa reforça a condição ilimitada do sentido do texto literário, que “tem a ver com o advento da democracia moderna, ou seja, um dizer tudo que tanto significa dizer qualquer coisa que se pense quanto dizer tudo o que se deseja”².

Metodologicamente, propomos uma abordagem intertextual que explora as relações entre texto e contexto, visto que “fazendo da intertextualidade a memória da literatura, propõe-se uma poética inseparável de uma hermenêutica: trata-se de ver e de compreender do que ela procede, sem separar esse aspecto das modalidades concretas de sua inscrição”³. No processo de leitura, a violência contra a mulher é identificada como um intertexto cultural, que tem seus próprios princípios simbólicos de gênero. Essa violência faz parte da

¹ O feminicídio é um termo político por especificar um crime contra a mulher por questões de gênero. Ele acontece tanto no espaço doméstico como no urbano. No doméstico, é consequência de violência imposta como controle e punição da mulher. No espaço público, está relacionado ao estupro, à prostituição e a crimes do narcotráfico, como no caso de Ciudad Juárez, no México. PASINATO, 2011, p. 222.

² DERRIDA, 2014, p. 21.

³ SAMOYAUULT, 2008, p. 47.

fronteira extratextual da literatura, por isso é costurada por normas sociais que regulam os comportamentos das personagens.

Nessa interpretação, o uso do intertexto funciona como notas de uma partitura, que vai sendo decodificada à medida que agregamos novos valores à carga suplementar do texto. Ao identificarmos uma pista, isto é, uma memória anterior, exploramos o rastro desses sentidos para a iluminação da obra que está sendo lida pelo “efeito de decifração”, visto que o intertexto dá “um brilho particular”, emanando novos sentidos, ou prologando os já apontados nas referências a obras e acontecimentos anteriores⁴.

Esse processo de revisão enquadra-se no projeto de desconstrução proposto por Derrida, que explora a dinâmica do texto literário com suas ambiguidades próprias. Ele nos sugere que devemos tirar partido da assinatura do texto, valorizando as particularidades do projeto artístico de cada autor, mas sempre tendo como horizonte a premissa da leitura desconstrutora, pois “qualquer que seja a atitude presumida do autor ou da autora sobre a questão, o efeito pode ser paradoxal e, às vezes, desconstrutor”⁵. Nesse movimento, esta abordagem desloca os intertextos da violência, desnudando os efeitos dos discursos morais projetados na cadeia de reminiscências sociais e literárias.

Tal particularidade dos arquivos reforça a posição de herança que toda literatura carrega, quando inclui a face perversa de valores sociais. Nesse processo, é relevante destacar a relação entre o dentro e o fora do texto, já que o arquivo “capitaliza tudo, incluindo aquilo que o arruína ou contesta radicalmente seu poder”⁶.

A seguir, apresentamos uma proposta interpretativa que aborda as normas de julgamento e punição da mulher como própria de uma língua espectral, herdeira do patriarcado, que desqualifica o corpo feminino com o intuito de sacrificá-lo.

⁴ SAMOYAUULT, 2008, p.139.

⁵ DERRIDA, 2014, p. 89.

⁶ DERRIDA, 2001, p. 24.

2. O intertexto da violência como uma herança patriarcal

Estamos usando o conceito de “intertexto cultural”, especificamente, para as normas que rebaixam o corpo feminino fora do padrão hegemônico patriarcal. Com a articulação dos valores morais que dão sustentação à violência contra a mulher, não só ampliamos a relação entre o texto literário e os textos sociais, como também apresentamos uma abordagem interpretativa que revisa os valores desses textos ideologicamente marcados pelo “falocentrismo”, como apontado pelo pensamento pós-estruturalista⁷.

Com a exploração da violência como intertexto cultural, estamos abrindo a obra literária a outras experiências e a novos sentidos, já que o texto literário traz uma memória do passado que exprime “movimentos e procedimentos de retomadas, de lembranças e de re-escrituras”⁸. Desse modo, valorizamos o uso da intertextualidade como método de interpretação, pois as interferências dos sentidos de um texto dependem das conexões sociais e artísticas e das redes de relacionamentos disponíveis no roteiro textual.

Sociologicamente, o feminicídio não pode ser visto como um fato isolado, pois é o “ponto final em um *continuum* de terror, que inclui abusos verbais e físicos e uma extensa gama de manifestações de violência e privações a que as mulheres são submetidas ao longo de suas vidas”⁹. Vale lembrar que abusos domésticos, historicamente, foram permitidos quando praticados por maridos severos que justificavam tais atitudes como formas de controlar sua família.

Além disso, em muitos casos jurídicos, o julgamento do feminicídio era defendido como “questão de honra” ou como “crime passional”, relativizando a postura do executor e questionando os comportamentos da vítima. Como herança desses valores, o repertório simbólico ainda é controlado por tais espectros do passado, visto que os agressores são impulsionados pela “crença de que têm direitos” sobre o corpo e a vida da mulher, para controlar suas opções e seu destino conforme os debates dos coletivos de mulheres desses últimos anos¹⁰.

⁷ DERRIDA, 2014, p. 89.

⁸ SAMOYAUULT, 2008, p. 47.

⁹ PASINATO, 2011, p. 224.

¹⁰ LARA, 2016, p.181.

Assim, constatamos que os homicídios femininos praticados por parceiros não são resultados somente de desentendimentos particulares, uma vez que se configuram como parte de um “repertório simbólico” hegemônico, regulamentado por diferentes relações de poder que passam pela “desvalorização do corpo feminino” e pelas agressões física e psicológica que colocam a mulher em “situações de risco”¹¹. No espaço doméstico, há uma relativização desses crimes, quando homem resolve usar o assédio psicológico e as agressões físicas para vigiar e controlar sua companheira.

Pela abordagem intertextual, exploramos o repertório simbólico de gênero como um arquivo coletivo. Como tal, esse intertexto traz a ambiguidade de manter a memória da violência contra mulher ao mesmo tempo em que revisa os valores morais por trás dessa herança. Assim, estamos pensando no feminicídio como um arquivo de dupla face¹²: conservador, quando revela o crime como algo domiciliar; mas revolucionário, quando expõe as ruínas dessa barbárie. Ao expormos essa dualidade, estamos identificando o repertório de gênero hegemônico como uma língua espectral, que merece ser revista no processo de recepção do texto literário.

Nesse caso, tentaremos provar que o crime do feminicídio é regulamentado por uma língua machista que confunde punição com valores hegemônicos do passado. Agamben explica que, por ter regras e particularidades, as normas do passado podem ser consideradas como parte de uma língua espectral “na qual não podemos falar, mas que à sua maneira vibra e acena e sussurra e que, embora com esforço e com o auxílio do dicionário, podemos entender e decifrar”¹³. Essa concepção de língua espectral se aproxima das observações de Derrida para a herança cultural.

No processo histórico, Derrida reconhece que somos testemunhas e herdeiros do nosso passado, que é parte de nosso imaginário cultural, pois “herdamos isto mesmo que nos permite dar testemunho”¹⁴. Logo, o homem que pratica o feminicídio é, antes de tudo, um herdeiro de uma tradição que foi

¹¹ MACHADO, 2017, p. 44.

¹² Conforme descreve Derrida em *Mal de arquivo*: 2001, p. 17;

¹³ AGAMBEN, 2010, p. 55.

¹⁴ DERRIDA, 1994, p. 79.

suplantada pelo reconhecimento dos direitos humanos e dos direitos individuais, mas que insiste em se manter na atualidade como um fantasma.

Nesse caso, ao herdarmos um arquivo, herdamos também seus segredos, seu avesso, visto aqui como a perversidade que sustenta o ato de execução de uma mulher por questões de gênero. Com isso, ao trazer a questão da herança à baila, estamos encarando esse fantasma como um desafio a ser ultrapassado pelo processo de leitura, visto que a herança sugere que há sempre uma aparição-sobrevivente que obedece à temporalidade do seu retorno¹⁵.

A violência contra a mulher é um desses fantasmas que está sempre retornando em busca de impor de forma tirânica o padrão masculino hegemônico como a única língua a ser falada. Portanto, trata-se de uma dessas línguas espectrais que funcionam como um paradoxo da contemporaneidade, pois é mantida por um campo simbólico, com regras próprias e faladas por um nicho machista que não aceita a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Esse campo simbólico é regido por valores morais conservadores punitivos.

Por essa perspectiva, o texto literário ecoa como um questionamento dessa língua quando relaciona a imagem do criminoso a de um fantasma patriarcal. Esse espectro é construído por meio de um repertório simbólico, normatizado por princípios conservadores e demagógicos. No movimento do texto literário, o processo de interpretação não é simples, pois passa tanto pela ambiguidade da camada estética, como pelos valores culturais que são articulados no interior de sua tessitura.

Seguindo tal lógica, levamos em conta que o *status* e a estrutura da obra literária nos desencorajam para as simplificações homogêneas e nos convidam a lermos a partir da complexa relação dos signos estéticos com nossos interesses interpretativos¹⁶. Logo, ao priorizar a revisão de como o repertório simbólico é construído por um criminoso, promovemos uma reflexão acerca do questionamento dos padrões femininos articulados por valores patriarcais.

O processo de ressignificação desses valores passa pela exploração de multirreferências textuais e intertextuais próprias dos estudos comparados. No espaço literário, os arquivos dessa violência são articulados tanto como parte das

¹⁵ DERRIDA, 1994, p. 196.

¹⁶ DERRIDA, 2014, p. 90-1.

estruturas sociais, como são deslocados por meio de um olhar estético que contesta e revisa valores ideológicos.

No contexto amoroso, o homem rejeitado é um fantasma errante, pois se trata de um sujeito perdido, envergonhado e humilhado socialmente por sua condição de abandonado. Como um espectro, esse sujeito nos envia “sinais” que são “insuportáveis aos ouvidos da modernidade” como a execução da companheira, que é regida por um repertório de gênero do passado. Mas, como todo espectro, esse fantasma é feito de “signos”, “marcas”, de “nomes cifrados”, “monogramas”, que o tempo risca sobre as coisas¹⁷. Assim, estamos falando de uma identidade fantasmagórica, que insiste em voltar para reclamar a posse de um corpo que não é seu.

Na continuidade, passamos a identificar os valores sociais que são usados pelo criminoso para se vingar de sua ex-companheira no conto de Lygia Fagundes Telles.

3. A língua espectral do feminicídio

O conto “Venha ver o pôr do sol” apresenta um repertório simbólico que sustenta um caso de feminicídio, pois descreve a vingança de um homem inconformado, Ricardo, com o fim do relacionamento com uma mulher livre, Raquel. A trajetória pelo cemitério abandonado deixa pistas culturais do quanto essa violência vai além de um ato de descontrole pessoal, projetando um território de valores morais que fazem parte da dinâmica social. Essa normatização pode ser vista como uma tecnologia social de controle da liberdade da mulher, pois é resultado de “assaltos identitários” como as pequenas ameaças, as injúrias e os corpos marcados pela violência e pelas humilhações contínuas¹⁸.

Nessa narrativa, o crime premeditado só será descoberto no final, todavia, desde o início, o criminoso tenta seduzir a vítima: “Não sei onde foi que li, a beleza não está nem na luz da manhã nem na sombra da noite, está no crepúsculo, nesse meio-tom, nessa ambiguidade. Estou lhe dando um crepúsculo numa bandeja e você se queixa”¹⁹. Por meio de ironias e de um tom de ameaça, o

¹⁷ AGAMBEN, 2010, p. 52.

¹⁸ MACHADO, 2017, p. 42.

¹⁹ TELLES, 2009, p.138.

assédio psicológico e moral vai, aos poucos, revelando a face de um criminoso obstinado em se vingar daquela que o trocou por outro.

Nesse primeiro contato, podemos identificar as marcas do repertório simbólico de Ricardo, que relaciona a liberdade de Raquel a interesses econômicos. Essa postura está presente nas críticas aos “cigarrinhos pilantras, azul dourado” e à forma como ela se veste: “me aparece nessa elegância. Quando você andava comigo, usava uns sapatos de sete léguas, lembra”²⁰. Tal julgamento faz parte do repertório simbólico que relaciona a escolha do companheiro com os interesses econômicos da mulher com o intuito de desqualificar sua opção.

Seus questionamentos são próprios de um homem que se prende a um passado que não existe mais, revelando-se um espectro, que insiste em manter a posse do corpo de uma mulher, que optou por outra relação. Para Agamben, a espectralidade é uma forma de vida “póstuma ou complementar, que começa apenas quando tudo acabou e que tem, por isso, perante a vida, a graça a astúcia incomparável do que se consumou, a elegância e a precisão de quem mais nada tem diante de si”²¹.

No primeiro momento, Raquel mostra-se resistente e não se abala com as insinuações dele. Pelo contrário, ela reconhece que já teve uma vida sexual aberta: “tive meus casos” e que seu companheiro é muito generoso: “Vai me levar agora numa viagem fabulosa até o Oriente”²². Todavia, Ricardo está sempre ironizando as atitudes da jovem e deixando entrever que ela tinha um passado de infidelidade: “não se zangue, sei que você está sendo fidelíssima”²³. Com essas ironias, o julgamento de Raquel vai sendo exposto pelo ponto de vista do criminoso.

Assim, Ricardo, aos poucos, vai expondo um ressentimento doentio, que se intensifica por meio do assédio psicológico: “A boa vida te deixou preguiçosa? Que feio – lamentou ele, impelindo-a para a frente”²⁴. Mantendo uma linha de avaliação que a desqualifica, ele vai deixando pistas dos motivos que o

²⁰ TELLES, 2009, p. 135.

²¹ AGAMBEN, 2010, p. 53-4.

²² TELLES, 2009, p.137.

²³ TELLES, 2009, p. 137.

²⁴ TELLES, 2009, p. 139.

levam a tal emboscada. Tal comportamento é comum àqueles que passam por uma crise identitária que é própria da “incapacidade de controlar o comportamento sexual de outras pessoas, isto é, a administração que outras pessoas fazem de si mesmas enquanto indivíduos marcados por gênero”²⁵.

Ao atormentar Raquel com valores morais do campo simbólico, Ricardo lhe impõe valores que a rebaixam moralmente. Tal desqualificação acontece também pela memória literária que o criminoso usa para insinuar o comportamento infiel de Raquel, relacionando-o a personagens ficcionais. Isso fica claro na referência à cortesã francesa de Alexandre Dumas, que tenta abandonar a vida de dama de luxo por um amor impossível, mas é humilhada pela família do rapaz, que pede para ela deixá-lo. A crítica aos comportamentos de Raquel é retomada de forma provocativa por ele: “É que tinha lido *A Dama das Camélias*, ficou assim toda frágil, toda sentimental. E agora? Que romance você está lendo agora?”²⁶.

Essa comparação com a personagem francesa não é à toa. Mais uma vez ele reforça o quanto Raquel tem comportamentos questionáveis. Ao trazer à baila a imagem da cortesã, o conto reforça o repertório moral usado por Ricardo para culpar e punir sua ex-companheira. A referência ao texto francês também nos propõe um roteiro de leitura, visto que a literatura é detentora da “memória do mundo e dos homens, inscrevendo o movimento de sua própria memória... O próprio da originalidade artística reside talvez nisso, na assunção da memória e na ultrapassagem da melancolia”²⁷.

Assim, tanto as referências à forma de Raquel se vestir, com elegância, como seu imaginário literário, o gosto por personagens femininas de vida fácil, são usados para descrevê-la como uma mulher vulnerável e interesseira. Essa maneira de ver e avaliar é próprio do sujeito conservador, que faz insinuações que desqualificam a mulher, privilegiando seu ponto de vista. Tal postura é própria de um sujeito corroído pelas larvas fantasmagóricas, visto que “as larvas têm de

²⁵ MOORE, 2000, p. 39.

²⁶ TELLES, 2009, p. 139.

²⁷ SAMOYAULT, 2008, p. 75-78.

simular-se um futuro para darem lugar, na realidade, a um despeito obsessivo perante o seu passado, à sua incapacidade de se saberem consumadas”²⁸.

Esse julgamento não nasce apenas de seu ódio e desprezo pela mulher que o deixou, mas é, sobretudo, guiado pelo repertório moral de depreciação do corpo feminino. Para ele, o fim daquela relação foi por interesse e usa essa premissa como argumento para seu plano macabro. Sem dinheiro, ele ratifica que não tinha como levá-la a um lugar confortável: “Eu gostaria era de te levar ao meu apartamento, mas fiquei mais pobre ainda”²⁹. Mais uma vez a questão econômica é equalizada no repertório simbólico daquela relação afetiva fracassada.

A exposição do repertório simbólico ganha força nas últimas cenas do conto. Particularmente, no momento em que Ricardo passa a comparar Raquel a uma prima fictícia: “Eu e minha priminha vínhamos com ela [mãe] e ficávamos por aí, de mãos dadas, fazendo tantos planos”³⁰. Ao privilegiar a atmosfera de um amor inocente de juventude, Ricardo reforça seu imaginário idealizado do primeiro amor, recusando-se a aceitar o direito de Raquel escolher quem ela quisesse.

Ao insinuar que o verdadeiro amor é aquele dedicado por ele a sua prima fictícia, ele ratifica que seus sentimentos são normatizados por um padrão identitário conservador, mostrando-se preso ao passado. Tal comportamento é atravessado pela “espectralidade larvar”³¹, visto que ele não aceita a condição dada por Raquel, recusando a todo o custo a realidade. Como um homem rejeitado, sua vingança faz parte de uma “crise de representação”, pois é “resultado do conflito entre estratégias sociais e modos de representação da masculinidade”³². Essa crise está presente tanto na emboscada, como no assédio moral sofrido por ela.

Cansada e com frio, Raquel tenta voltar, sem perceber que estava à beira de ser trancafiada naquele cemitério: “estou com frio. Suba e vamos embora, estou com frio”³³. Todavia, Ricardo a convence a entrar no túmulo para ver a foto de sua prima fictícia. Diante da insistência, ela aceita e descobre que

²⁸ AGAMBEN, 2010, p. 54.

²⁹ TELLES, 2009, p. 136.

³⁰ TELLES, 2009, p. 140.

³¹ AGAMBEN, 2010, p. 54.

³² MOORE, 2000, p.

³³ TELLES, 2009, p. 141.

toda a história de prima era mentira, os mortos daquele túmulo eram do século XIX. Em seguida, ele a deixa encarcerada: “No topo, Ricardo a observava por detrás da portinhola fechada. Tinha seu sorriso meio inocente, meio malicioso”³⁴. Mesmo querendo desistir desde o início, ela foi obrigada a percorrer todo aquele trajeto, mostrando o processo tortuoso de assédio moral sofrido.

Ao descobrir que foi enganada, Raquel ainda o enfrenta e implora para ser libertada. Todavia, ele se mostra calculista e perverso ao anunciar com detalhes como será o pesadelo do anoitecer: “Uma réstia de sol vai entrar pela frincha da porta, tem uma frincha na porta. Depois vai se afastando devagarinho, bem devagarinho. Você terá o pôr do sol mais belo do mundo”³⁵. Com esse tom irônico, ele concretiza seu plano de vingança e expõe seu comportamento larval de um homem motivado pelo ódio, que se vinga daquela que o trocou por outro.

Ao descrever com minúcias o movimento do sol pela frincha da catacumba, Ricardo revela que já tinha estado naquele cemitério e calculado como seria o pôr do sol da morte. Esses detalhes expõem o quanto ele planejou toda a vingança. Por fim, ele justifica seu crime como consequência de seu amor: “Eu te amei. E te amo ainda. Percebe agora a diferença”³⁶. Sem admitir a possibilidade de Raquel ser livre para amar, ele retoma a principal regra da língua espectral do patriarcado: a mulher só pode amar o homem que a escolheu para ser amada.

Apavorada, resta-lhe gritar. Esse grito reforça a cena do feminicídio como uma forma de silenciamento da mulher, depois de ser julgada por um repertório regulamentado por valores machistas. No conto, a mulher é enterrada em uma tentativa de silenciá-la, prática comum ao sujeito que é guiado pelos valores morais próprios do sistema estrutural hegemônico de gênero, que sufoca a liberdade daquelas que escapam de suas rédeas.

Mesmo diante de um homem obcecado pela posse de seu corpo, Raquel, a todo momento, age sem reconhecer esse sistema e o enfrenta, gritando por seu direito de liberdade: “Encarou-o, apertando contra a grade a face sem cor. Ebugalhou os olhos num espasmo e amoleceu o corpo. Foi escorrendo. – Não,

³⁴ TELLES, 2009, p. 142.

³⁵ TELLES, 2009, p.143.

³⁶ TELLES, 2009, p. 140.

não...”³⁷. No texto, seu grito de desespero questiona a postura criminosa do ex-companheiro, ressaltando o lugar de resistência feminina.

Pela abordagem interpretativa proposta nesta análise, o sacrifício de Raquel está relacionado ao imaginário machista cuja premissa é sustentada pela visão perversa do feminicídio: se a mulher não pode ser só de seu companheiro, que ela não seja de mais ninguém. Para Ricardo, só existia uma possibilidade: a subserviência de Raquel ao seu amor doentio. Nesse caso, o sacrifício feminino pode ser visto como uma forma de escamotear as fragilidades masculinas, pois “a incapacidade de manter a fantasia de poder provoca uma crise na fantasia de identidade, e a violência é um meio de resolver essa crise porque age reafirmando a natureza de uma masculinidade de outra maneira negada”³⁸.

No campo social, o conto nos coloca frente a frente com os dois imaginários: o da mulher moderna, que quer viver uma vida livre; e o do feminicida, um homem espectral que é impulsionado pela larva da vingança, não sentindo remorsos, nem comoção diante do terror da ex-companheira que tenta ser ouvida desesperadamente: “Depois, os uivos foram ficando mais remotos, abafados como se viessem das profundezas da terra”³⁹. Ao aproximar o homicida de um fantasma que atormenta a liberdade feminina, Lygia Fagundes Telles expõe o perverso repertório simbólico de gênero que prioriza valores conservadores hegemônicos para desqualificar o corpo da mulher livre.

Com esse final, no qual a mulher é castigada por ter feito a opção de liberdade, “Venha ver o pôr do sol” expõe a relativização de valores sociais que sustentam o imaginário do feminicídio e são respaldados “pela legitimação do poder de gênero instaurado legalmente de controle e castigo dos homens, com a recíproca culpabilização das mulheres”⁴⁰. Essa forma de eliminar a companheira é regulada pelas normas patriarcais ancestrais que não aceitam a modernização dos direitos da mulher.

Dentro das ambiguidades literárias, o texto ironiza o excesso de masculinidade do criminoso, que vai além da manipulação de valores morais como a associação de Raquel a personagens femininas infiéis. Esse paralelismo

³⁷ TELLES, 2009, p.143.

³⁸ MOORE, 2000, p. 43.

³⁹ TELLES, 2009, p. 144.

⁴⁰ MACHADO, 2014, p. 108.

deixa pistas do quanto sua forma de avaliar a ex-namorada é regida pela desclassificação da mulher, que é rebaixada, sobretudo, por ter tido coragem de terminar um relacionamento em que a moeda de troca era um amor imposto. Ao revisar os sentidos desse texto pelos espectros do patriarcado, deslocamos as ruínas do ponto de vista do assassino para expor a face macabra e doentia da dominação masculina.

4. Considerações finais

Diante do crime premeditado que o conto “Venha ver o pôr do sol” carrega, o estudo do um repertório simbólico de gênero nos aproxima de uma língua espectral de valores sociais, pois descreve a violência psicológica e física contra a mulher como extensão de valores patriarcais conservadores. O ponto de vista do protagonista, Ricardo, é sustentado por uma linha de raciocínio que julga, pune e sacrifica Raquel com base nesses valores morais hegemônicos. Seu comportamento é próprio de homens inconformados com a separação e que consideram o corpo da companheira uma extensão de sua masculinidade.

Com a focalização no olhar doentio de Ricardo, o conto expõe diferentes intertextos que desqualificam a mulher livre como os valores patriarcais conservadores e a herança literária do imaginário da prostituta de luxo. Esteticamente, essa herança é reconhecida na referência à cortesã francesa, de Alexandre Dumas. Ricardo primeiro afirma que ela está linda, quando aparece vestida de forma elegante para depois aproximá-la da imagem da cortesã, uma mulher livre e agraciada por presentes de seus admiradores. Esse tipo de alusão é uma técnica de aproximação de sentidos própria do processo comparativo, pois se trata de uma “percepção subjetiva”, que, quando utilizada, agrega valores que dão pistas para a interpretação da rede de textos que formam a memória da obra literária⁴¹.

A aproximação com a personagem francesa denuncia o espaço fantasmagórico de onde Ricardo articula seu crime. Nesse duplo movimento, o repertório simbólico é reforçado por imagens de mulheres infiéis da literatura, ratificando a memória literária que religa a literatura ao mundo. Esses elos

⁴¹ SAMOYAULT, 2008, p. 50-51.

reforçam a duplicidade dos arquivos do feminicídio usados na constituição literária, pois nos dão a liberdade de os deslocarmos, conscientes que somos herdeiros desses fantasmas de uma humanidade em crise, que “antes mesmo de querê-la ou recusá-la, somos herdeiros”⁴².

Portanto, o sacrifício de Raquel traduz diferentes normas próprias do repertório simbólico de punição da mulher. Ele não é apenas expressão de um homem transtornado; pelo contrário, é próprio de uma língua espectral conforme articula Agamben, quando fala de uma “espectralidade larvar”⁴³. No conto de Telles, o feminicídio brota do ódio de Ricardo, como uma larva que habita sua masculinidade ferida, pois ele atravessa uma crise identitária ao se sentir só. Sem chances, ele impõe uma relação abusiva na tentativa de amedrontá-la e vingarse. Todavia, Raquel não se deixa manipular, nem se submete aos valores morais impostos por ele, por isso é executada.

Infelizmente, o fantasma do feminicídio, como crime de ódio e vingança, ainda ronda a contemporaneidade, reforçando que não bastam somente as leis mais rígidas e penas mais duras, é necessária uma reforma dos afetos e dos valores morais. Para além dessa proposta, há também a necessidade de revisar os repertórios de gênero hegemônicos para que consigamos extirpar esse espectro do imaginário social brasileiro.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Da utilidade e dos inconvenientes do viver entre espectros”. In: AGAMBEN, Giorgio. *Nudez*. Tradução Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'água, 2010, p. 51-56.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. De Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DERRIDA, J. *Espectros de Marx*. Trad. de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Tradução Marileide Dias Esqueda; revisão técnica e introdução Evando Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

⁴² DERRIDA, 1994, p. 78.

⁴³ AGAMBEN, 2010, p. 54.

GOMES, Carlos Magno. O feminicídio na ficção de autoria feminina brasileira. *Estudos Feministas*. Florianópolis, UFSC, v. 22, n. 3, p. 781-794, 2014.

GOMES, Carlos Magno. A violência de gênero e a crise de masculinidade. *Fórum Identidades*, Itabaiana, UFS, v. 21, p. 33-48, 2016.

LARA, Bruna de *et al.* *#Meu amigo secreto: feminismo além da redes*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.

MACHADO, Lia Zanotta. Violência contra as mulheres: diálogos entre feminismo e ciência social. In: DIAS, Alfrancio *et al.* (Orgs.) *A transversalidade de gênero na produção do conhecimento e nas políticas públicas*. Aracaju: Editora IFS, 2017. p. 37-54.

MACHADO, Lia Zanotta. O medo urbano e a violência de gênero. In: MACHADO, Lia Zanotta; BORGES, Antonádia Monteiro; MOURA, Cristina Patriota de. (Orgs.) *A cidade e o medo*. Brasília: Verbena/Francis, 2014. p. 103-125.

MOORE, Henrietta L. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. *Cadernos Pagu*. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero, v. 14, p. 13-44, 2000.

PASINATO, Wânia. Feminicídios e as mortes de mulheres no Brasil. *Cadernos Pagu*. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero, v. 37, p. 219-246, 2011.

SAMOYAUULT, Tiphaine. *A intertextualidade: memória da literatura*. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo: Hucitec, 2008.

TELLES, Lygia Fagundes. Venha ver o pôr do sol. In: TELLES, Lygia Fagundes. *Antes do baile verde*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Currículo abreviado do autor:

Carlos Magno Gomes é Professor de Teoria Literária com atuação na pós-graduação acadêmica e profissional da Universidade Federal de Sergipe: PROFLETRAS e PPGL. Doutor em Literatura pela UnB (2004), com pós-doutorado em Estudos Literários pela UFMG (2013). Pesquisador CNPq. Atua na área de Literatura comparada e intertextualidades das temáticas da violência contra a mulher na ficção do Brasil e da América Latina. Autor do livro "Ensino de Literatura e Cultura: do resgate à violência de gênero" pela Paco Editorial (2014). Publicou os artigos "O feminicídio na ficção de autoria feminina brasileira" (2014) pelo periódico Estudos Feministas(UFSC) e "A performance pós-moderna de Nélide Piñon contra o feminicídio em Vozes do deserto" (2018) pelos Cadernos Pagu (UNICAMP). Fez parte da Comissão organizadora de SENALIC (2009-2016). Participa da Comissão Editorial das Revistas Interdisciplinar e Fórum Identidades. Membro do CONSU-UFS (2009-2012). Chefe do Departamento de Letras do Campus de Itabaiana (2010-2012). Membro do Conselho Gestor do Mestrado Profissional em Letras (2013-/2016). Coordenador do Mestrado Profissional em Letras em Rede

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v.19, n.1, 2019. ISSN: 2179-6793

(PROFLETRAS) da Unidade de Itabaiana (2013-2017). Membro da Comissão de Progressão Funcional (CPPD) desde 2018.

Recebido em: 07 de fevereiro de 2019.

Aceito em 05 de julho de 2019.